



***Everything is Illuminated* a partir da busca pela memória familiar**

Everything is Illuminated from the search for the family memory

Isabel Cristina Jasinski*

Natasha Suelen Ramos de Saboredo**

Resumo: Tendo em vista a importância da preservação da memória familiar e cultural para a comunidade judaica, este artigo pretende analisar a obra *Everything is Illuminated*, de Jonathan Safran Foer, a partir da busca pela memória familiar empreendida pelo protagonista. A obra, que traz o autor também como personagem, relata a viagem de Foer até a Ucrânia para resgatar a história de seu avô antes de ele fugir para os EUA durante a Segunda Guerra Mundial. Visto que a obra utiliza a biografia e diversos discursos (relatos) em sua construção, visa-se desconstruir o binarismo discurso ficcional x não ficcional. Além disso, tendo em vista esses elementos e as fronteiras movediças da identidade que aparecem no livro, pretende-se analisar, por meio do conceito de nomadismo, o resgate da memória como um dos fatores determinantes na construção identitária.

Palavras-chave: Memória. Segunda Guerra Mundial. Judaísmo.

Abstract: Considering the importance of the familiar and cultural memory's preservation to the Jewish community, this paper intends to analyze the novel *Everything is Illuminated* by Jonathan Safran Foer, from the search for family memory undertaken by the protagonist. The novel, which brings the author also as a character, reports Jonathan's trip to Ukraine to rescue the history of his grandfather before he runs away to the US during World War II. Since the novel uses the biography and several discourses (reports) in its construction, the paper aims to deconstruct the binarism between fictional X nonfictional speeches. Besides, in view of these elements and the identity's shifting borders that appear in the book, it is intended to analyze, through the concept of nomadism, the recovery of memory as one of the determining factors in the identity construction.

Keywords: Memory. World War II. Judaism.

Introdução

Everything is the way it is because everything
was the way it was.

Jonathan Safran Foer



O resgate da memória é um elemento muito forte entre o povo judeu, pois tem a ver com a reconstrução e o fortalecimento da tradição e da cultura, motivo pelo qual esse grupo humano é marcado por traços que vão além da religião, ou seja, traços socioculturais que tendem a se manter independentemente das fronteiras geográficas. Esses aspectos adentram a questão da identidade, assunto que será tratado neste artigo.

Stuart Hall (2006) afirma que cada indivíduo possui diversas identidades diferentes e conflituosas, sendo impossível homogeneizar sua identidade, pois ela é uma construção social e histórica, não um fator biológico. Não existiria, assim, uma identidade plenamente unificada, como a ideia de identidade nacionalista – à qual a ideia de uma cultura judaica unificada se aproxima.

Seguindo esse mesmo raciocínio, Michel Maffesoli (2001) apresenta a identidade na pós-modernidade como algo heterogêneo, que foge à busca moderna por identidade. Diante disso, aponta a ambiguidade do ser humano em querer permanecer (em seu lugar de origem) e a insatisfação que isso acarreta, fazendo-o também querer estar em outros lugares. Isso desconstrói a já mencionada lógica moderna de identidade exposta por Hall.

A metáfora do nomadismo reside nessa identidade múltipla, constituída por diversos perfis dentro de um mesmo indivíduo. Nessa ambiguidade entre a permanência e o nomadismo, Maffesoli expõe que ao mesmo tempo em que o homem quer permanecer (sedentarismo), ele deseja o movimento (nomadismo). A partir disso, o autor define essa dicotomia (errância e sedentarismo) como uma bipolaridade presente em todos os indivíduos, algo que ele classifica como “enraizamento dinâmico”. Entretanto, ele ressalta a necessidade de fuga, fundamentada na nostalgia, como um problema da errância. As pessoas creem pertencer a um lugar e ter determinadas raízes, ligações. Entretanto, para que isso assuma um verdadeiro significado, é preciso que esse lugar e essas ligações “sejam, realmente ou fantasiosamente, negados, superados e transgredidos. É uma marca do sentimento trágico da existência: nada se resolve numa superação sintética, tudo é vivido em tensão, na incompletude permanente.” (MAFFESOLI, 2001, p. 79).

Por outro lado, o dinamismo nos permite percorrer o espaço para conhecê-lo e a estaticidade a reconstruir o que está em volta. Esse espaço tanto pode ser um território quanto o indivíduo fechado em si mesmo. O território individualista, entretanto, pode se tornar uma prisão. É a partir do nomadismo que se pode extrapolar a lógica de uma identidade própria do indivíduo. A errância permite entrar em contato com a distância presente entre as pessoas e ajuda a construir a aproximação e o rompimento das fronteiras.

Um dos exemplos dados por Maffesoli é o do espírito que, mesmo que pertença a um determinado lugar, permanece livre no espaço, pois



sendo próprio de um lugar, cria um laço social: espírito de um lugar, espírito de um povo etc., mas ao mesmo tempo esse laço é maleável e integra seu contrário. Da mesma forma, permite religar as distâncias, mas mantendo o valor, intrínseco, da distância. (MAFFESOLI, 2001, p. 84).

É a partir desse exemplo que Maffesoli define o povo judeu que, embora espalhado pelos mais diversos espaços, é unido por um forte espírito em comum. Os exílios proporcionados pelas diásporas que ocasionaram o nomadismo serviram como fortalecedores do enraizamento da cultura judaica, ao invés de ocasionarem seu enfraquecimento:

A dispersão forçada, alimentando-se talvez da memória de um nomadismo ancestral, é portanto uma velha tradição entre o povo judeu. [...] A mobilidade da comunidade em seu conjunto permite, paradoxalmente, o enraizamento aqui e ali de uma parte dela. (MAFFESOLI, 2001, p. 85).

Tendo em vista o que foi exposto, o romance *Everything is Illuminated* (2003), do escritor judeu norte-americano Jonathan Safran Foer, desenvolve-se a partir da importância da instituição familiar e da preservação da memória para os judeus. Na obra, Foer (que aparece como personagem) viaja até a Ucrânia para resgatar a história de seu avô antes de ele fugir para as EUA durante a Segunda Guerra Mundial. Além de a obra trabalhar com a memória judaica e aspectos culturais e ideológicos, alguns mecanismos utilizados pelo autor expõem a biografia como construção ficcional.

Sendo assim, a história se constrói a partir da dispersão judaica pós-guerra, sendo Jonathan Foer um descendente de judeus ucranianos que quer reconstruir a memória de sua família e o seu passado. Para isso, ele viaja para a Ucrânia para encontrar a jovem que salvou seu avô da invasão nazista a Trachimbrod: Augustine. Além de o livro trabalhar com as fronteiras movediças da identidade (estranhamento cultural devido à nacionalidade, religião, ideologia) ele também traz à tona a memória e o passado como construções fictícias, derrubando o binarismo entre discurso ficcional e não ficcional.

1 A construção de identidades

As identidades nunca foram plenamente unificadas, mesmo no passado. Entretanto, os fatores contemporâneos, como a globalização, acentuam o deslocamento das identidades, desconstruindo a ideia errônea de que algum dia elas foram plenamente unificadas e coerentes. Uma das formas mais clássicas de enquadrar um grupo sob a mesma identidade homogênea é a noção de cultura nacional, que ainda constitui uma das principais fontes de identidade cultural, pois muitas vezes o indivíduo recorre a ela para tentar se definir.



O indivíduo seria, assim, composto não apenas por uma, mas por várias identidades que são assumidas em diferentes momentos de sua vida e não formam um eu coerente, desconstruindo a concepção iluminista que concebia a identidade a partir de uma noção individualista do eu. Além disso, a construção da identidade vai além de sua percepção do mundo e de sua nacionalidade: ela engloba os valores transmitidos pela família, religião, fatores culturais, motivo pelo qual a identidade cultural judaica é tão forte, pois os valores transmitidos vão além da religião: são valores culturais, sociais e históricos. A partir disso, o indivíduo em contato com o mundo desenvolve suas próprias ideologias e se insere em diversos grupos.

Um dos pontos que torna o judaísmo algo além da religião é o fato de seus ritos estarem presentes no cotidiano, não apenas na sinagoga. Mail Freitas (2011) complementa que “a obediência a costumes milenares garantiu, desse modo, ao povo de Moisés que preservasse sua cultura mesmo sem um território próprio.” (FREITAS, 2011, p. 3). São esses os fatores que contribuem para o judaísmo ser uma religião marcante na construção da identidade coletiva de seu povo.

Para o povo judeu, a família é uma instituição de grande valor, embora tenha sido fragilizada pela guerra. Isso pode ser notado pelo fato de que Foer dedica o romance à família e viaja para reconstruir o passado e a memória de sua família, para então, a partir disso, conhecer a si mesmo. Ainda hoje, afirma Freitas, os judeus de famílias sobreviventes ao Holocausto buscam as memórias de suas famílias e dos parentes que morreram. Como já mencionado, a memória cultural judaica é de extrema importância para o seu povo e foi preservada a todo o custo, mantendo os judeus unidos por meio da cultura, mesmo quando o povo permaneceu em diáspora – algo que se fortaleceu após a guerra e a criação do Estado de Israel. É a partir dessa importância da família dentro do judaísmo e da tentativa de resgate da memória (familiar) que *Everything is Illuminated* se sustenta.

1.1 Apresentação do romance

Everything is Illuminated, de 2003, e, no Brasil, *Tudo se ilumina*, em 2005, além de ser o primeiro livro publicado pelo autor Jonathan Safran Foer, é um romance vencedor de três prêmios, o *National Jewish Book Award*, o *Young Lions Fiction Award* e o *Guardian First Book Award*. Após se graduar em Princeton, em 1999, Jonathan Safran Foer viajou até a Ucrânia para expandir sua tese, a partir da qual criou *Everything is Illuminated*.

A obra apresenta três narrativas, dentre as quais aparece Jonathan Safran Foer como personagem e como narrador. Foer apresenta em sua obra um metarromance, que seria a história construída a partir de sua viagem à Ucrânia para pesquisar suas origens, em especial o paradeiro de uma moça chamada Augustine, que ajudou seu avô a fugir da perseguição nazista a Trachimbrod durante a Segunda Guerra Mundial. Essa ajuda se torna crucial para o estabelecimento da família Foer, pois se o avô não tivesse escapado do Holocausto, não haveria família. Esse texto escrito por



Foer gira em torno da cidade de origem de sua família, Trachimbrod, apagada do mapa após a perseguição nazista. Ele constrói a história desse *shtetl*¹ desde sua fundação, em 1791, até a sua destruição, após a invasão nazista, para explicar sua árvore genealógica.

A narrativa se divide em duas partes: a primeira relata a história de Brod, a mãe da mãe da mãe da tataravó de Jonathan, e a segunda traz a história de Safran, avô de Jonathan. A narrativa começa quando o *shtetl* ainda não tinha nome, no dia em que uma carroça caiu no rio Brod, sendo que desse acidente foi resgatado um bebê, uma menina que posteriormente é adotada por um judeu chamado Yankel e nomeada como Brod, em homenagem ao rio no qual foi encontrada. Essa história é narrada até a morte do marido de Brod, o Kolker, e passa para o início do século 20, ou seja, época da juventude de Safran. Essa segunda parte revela a vida sexual do avô de Jonathan, iniciada precocemente, e o casamento com a primeira esposa, Zosha, no início da vida adulta. Essa parte se encerra da mesma forma chocante que a vida de Brod muda: estuprada ainda na adolescência no Dia-de-Trachim (após retornar fantasiada do desfile), Brod encontra Yankel morto. Já no Dia-de-Trachim de 1942, enquanto a população de Trachimbrod aproveitava o festival (e Zosha compartilhava com Safran a alegria de sua gravidez), iniciou-se a invasão nazista que dizimaria a cidade.

O segundo narrador é Alexander Perchov, um ucraniano que tem um conhecimento sofrível da língua inglesa e que é designado para ser o guia de Jonathan, juntamente com seu avô (cujo nome também é Alexander) e a cadela Sammy Davis Junior Junior. É Alex que narra a história da viagem que eles fizeram pela Ucrânia atrás de Trachimbrod e de Augustine, ou seja, o autor da obra, Jonathan, aparece como um personagem da história de Alex. Além disso, alguns capítulos são as cartas que Alex enviou para Jonathan após este ter retornado para os Estados Unidos, nas quais ele troca notícias e envia os capítulos que escreveu para o livro de Jonathan, inclusive falando sobre alterações na história que lhe pareciam pertinentes, embora não tivessem de fato acontecido.

A linguagem utilizada por Foer ao escrever a história de Trachimbrod é diferente da de Alex ao descrever a viagem, pois o primeiro apresenta uma linguagem mais rebuscada e romanesca (escrita em língua materna), enquanto Alex usa um vocábulo mais simples e cotidiano e, embora revise seus erros a partir das cartas respondidas por Foer (que não aparecem no livro), a linguagem é mais truncada, visto que Alex não domina tão bem o inglês. Essa diferença de linguagem também pode ser percebida entre os capítulos escritos por Alex e suas cartas que, por não sofrerem nenhuma alteração do Jonathan personagem, apresentam mais erros de expressão e são mais truncadas.

Essa constante mudança de estilo mostra que não há uma preocupação com a unidade, ou seja, o romance apresenta uma heterogeneidade discursiva. Além disso,



a história vista de vários ângulos e a partir de vários relatos (inclusive as histórias contadas por Lista, última sobrevivente de Trachimbrod, e pelo avô de Alex) apresenta a multiplicidade de discursos que compõem o livro, eliminando a noção de verdade absoluta ou de homogeneidade.

Além disso, as alterações que Alex e Jonathan fazem na história para torná-la mais atraente são um ponto importante para se perceber as complicações ao se tentar separar em dois blocos a ficção da não ficção, sendo a segunda, teoricamente, o terreno utilizado para a construção biográfica e histórica. É válido ressaltar que, na obra, trabalha-se com uma espécie de jogo de espelhos, como uma matriosca.² Um narrador engloba o outro, pois temos Jonathan Safran Foer, que criou um narrador-personagem, Alex Perchov, que narra uma história em que o escritor aparece como personagem, mesclando a isso as cartas (que, teoricamente, também fugiriam do terreno da ficção) e a história de Trachimbrod, que é o romance escrito pelo autor personagem. A partir das cartas, percebe-se, por meio de Alex, as alterações de Jonathan em seu metarromance, ou até sua tentativa de interferência na narrativa de Alex, que também revela a complexidade da construção discursiva a partir de uma noção genérica de verdade e mentira.

Sendo assim, o autor trabalha com o como a história poderia ter sido em vez de como ela realmente foi, embora os três discursos que perpassam a obra apresentem um vínculo com a noção de realidade que se espera de textos biográficos e cartas (dentro desse contexto da biografia), construindo uma verdade própria dentro do romance. Ainda assim, é válido ressaltar que o Foer personagem é diferente do Foer autor, pois o primeiro é uma construção do segundo a partir de suas memórias, de como este queria que essas memórias fossem e/ou de sua intenção quanto autor.

Outra questão importante no romance são as divergências culturais. O escritor é neto de imigrantes ucranianos e judeu, mas nasceu nos Estados Unidos. Já Alexander é um jovem ucraniano que absorveu a cultura estadunidense de maneira caricata e idealizada e, no início da obra, expõe sua vontade de deixar sua terra natal para ir embora para a América. O avô de Alex é o único que viveu na época da Segunda Guerra Mundial e diz não gostar judeus – inclusive recusa-se a acreditar que seu maior ídolo, Sammy Davis, Junior, tenha sido judeu. Enquanto Jonathan é vegetariano (algo que Alex e seu avô não compreendem) e engajado, Alex reproduz coisas que, aos olhos de Jonathan, não são de bom tom, pois reproduzem determinados preconceitos.

1.2 A construção do discurso biográfico

O escritor, enquanto homem do seu tempo e influenciado pelo mundo em que vive, reconstrói a história de acordo com sua interpretação, o que, segundo Juan José Saer (2009), é um fator de peso na construção biográfica, visto que esse discurso é visto como não ficcional. A biografia sofre a interpretação de quem a escreve, como no



caso da história do Jonathan personagem escrita por Alex Perchov, ou da reconstrução da história de Trachimbrod.

A pós-modernidade traz uma vasta heterogeneidade de discursos dentro da construção literária, o que acarreta em uma tensão ainda mais acentuada entre a verdade e a falsidade. Assim como o biógrafo assume pontos de vista e os mescla à história imparcial que pretende transmitir, essa mesma subjetividade confusa que torna a biografia também uma construção ficcional está presente na construção histórica, como no caso de Trachimbrod, pois nesse caso a objetividade da não ficção se perde no campo interpretativo e da subjetividade e a ideia de veracidade fica comprometida. É válido ressaltar que fictício não é sinônimo de mentiroso, pois embora a ficção retire referências da realidade, o seu intuito não é a reprodução exata do plano real:

A recusa escrupulosa de qualquer elemento fictício não é um critério de verdade. Uma vez que o próprio conceito de verdade é incerto e sua definição integra elementos díspares e mesmo contraditórios, é a verdade como objetivo unívoco do texto e não somente a presença de elementos fictícios o que merece, quando se trata de gênero biográfico ou autobiográfico, uma discussão minuciosa. (SAER, 2009, p. 1).

A ficção assume a complexidade da realidade objetiva – e seu aparente discurso da verdade – e a mescla com elementos falsos com o intuito de “assinalar o caráter duplo da ficção que mistura, de uma forma inevitável, o empírico e o imaginário”. (SAER, 2009, p. 2). Dessa maneira, recorrer ao falso é uma forma de se aumentar a credibilidade do discurso fictício, e não o contrário, pois a construção da ficção proporciona a reflexão sobre a realidade ao não ser a sua réplica.

O leitor precisa aceitar uma espécie de acordo ficcional, no qual aceitará a realidade do livro sem misturá-la à sua realidade, algo que Umberto Eco (2012) chama de suspensão da descrença,³ pois o mundo real serve de pano de fundo para a ficção. A partir disso, pode-se perceber que a obra literária tem uma lógica de verdade interna, diferente da do mundo real ao ser menos traiçoeira. Por exemplo, a noção de verdade do mundo real baseada em experiências vividas é diferente daquelas pesquisadas, em que parte do indivíduo acreditar ou não na credibilidade do discurso que está lendo, como no caso do discurso histórico. O discurso histórico é construído, como já mencionado, em cima de diversos discursos e vozes distintas, e sofre com o olhar e interpretação de quem o recompõe e não vivenciou a época pesquisada. Por isso a verdade no mundo real torna-se mais complexa.

Ricardo Piglia (1994) afirma que o binarismo ficção X realidade não pode ser concebido, visto que não existe um campo próprio para a ficção e esta não significa “mentira”. Segundo crítico, tudo pode ser ficcionalizado, pois a ficção é um espaço que permite o uso de diversos discursos e gêneros não ficcionais misturados ao



conteúdo fictício, tal como ocorre no romance de Foer. Esse recurso de mistura de gêneros tem sido amplamente usado na literatura contemporânea, pois permite uma heterogeneidade de vozes e discursos, tal como ocorre em *Everything is Illuminated*. Em outras palavras, “a ficção trabalha com a verdade para construir um discurso que não é nem verdadeiro, nem falso. Que não pretende ser verdadeiro nem falso. E nesse matiz insolúvel entre a verdade e a falsidade se joga todo o efeito da ficção [...]”. (PIGLIA, 1994, p. 71).

No caso do romance de Foer, há a construção da história de Trachimbrod, erigida a partir de uma série de incertezas que já se inicia com o acidente de Trachim B, e que continua com Brod e Yankel devido ao fato de ambos criarem seu próprio mundo real, no qual a verdade se confunde entre o que é e o que poderia ter sido.

Essa mesma fórmula de confusão está presente no relato de Alex, mas é algo que aparece principalmente em suas cartas. Embora Alex não confunda o que é com o que poderia ter sido, diversas vezes contesta as alterações que Jonathan faz na história, pois, se ele pretende alterar as coisas, por que não tornar aquela uma história mais feliz, cujo desfecho seria o encontro com Augustine?

Nesse caso, Augustine, a mulher que salvou Safran da guerra, é uma espécie de metáfora da esperança de se encontrar todas as respostas e, no caso de Alexander, de se redimir pelo passado. Dessa maneira, nas próximas duas subseções serão exploradas as cartas de Alex e a história de Trachimbrod.

1.2.1 As Cartas de Alex Perchov

As cartas enviadas por Alex aparecem após os capítulos do suposto romance de Foer sobre a origem da sua família e antes do início dos capítulos escritos por ele mesmo, ou seja, dá a entender que as cartas são enviadas junto ao novo capítulo e com comentários sobre os capítulos escritos pelo Jonathan personagem, cujas cartas não aparecem.

Nelas, o caráter ficcional do discurso biográfico aparece com mais clareza, principalmente por meio dos comentários dirigidos a Foer, como no trecho “*As you commanded, I remove the sentence ‘He was severely short,’ and inserted in its place, ‘Like me, he was not tall.’ And after the sentence ‘Oh, Grandfather said, and I perceived that he was still departing from a dream,’ I added, as you commanded, ‘About Grandmother?’*”⁴ (FOER, 2003, p. 53), no qual Alex aceita alterar certas coisas em seu capítulo para deixá-los, de certa forma, mais românticos e poéticos (como no caso do acréscimo do “*About Grandmother*”), ou mais próximos à realidade, como na referência à altura, visto que Alex mentiu ser mais alto para parecer mais elegante como personagem. Alex também diz ser desejado por todas as mulheres, pois essa é a sua noção de homem perfeito, absorvida do pai e da cultura machista ucraniana, embora depois confesse em uma das cartas ser retraído e nunca ter conhecido uma garota.



Outra particularidade das cartas é que elas apresentam um inglês mais truncado do que os capítulos enviados por Alex, pois os capítulos, dentro da obra, passam pela revisão de Jonathan: *"It made me a tickled-pink person to receive your letter, and to know that you are reinstated at university for your conclusive year."*⁵ (FOER, 2003, p. 52). Já as revisões feitas pelo Jonathan personagem são evidentes devido aos comentários de agradecimento de Alex, além da já mencionada diferença entre a linguagem truncada das cartas e a linguagem mais fluida dos capítulos. Há também uma grande diferença entre a linguagem usada nas cartas e nos capítulos escritos por Alex e a linguagem utilizada por Jonathan para escrever sobre Trachimbrod. Embora Jonathan utilize uma linguagem mais rebuscada e romanesca, ele preserva elementos de humor, algo genuíno dos capítulos de Alex. Em diversas cartas, por exemplo, Alex questiona os pedidos de Jonathan para retirar Sammy Davis, Junior, Junior⁶ da história, negando-se a fazê-lo:

*I did not amputate Sammy Davis, Junior, Junior from the story, even though you counseled that I should amputate her. You uttered that the story would be more "refined" with her absence, and I know that refined is like cultivated, polished, and well bred, but I will inform you that Sammy Davis, Junior, Junior is a very distinguished character, one with variegated appetites and seats of passion. Let us view her evolution and then resolve.*⁷ (FOER, 2003, p. 55)

Como se pode perceber nessa citação, os dois negociam as alterações que serão ou não efetuadas na história, algo que será explorado na próxima seção a partir da construção da história de Trachimbrod. Paradoxalmente, diversas coisas que o Jonathan personagem considera inadequadas aparecem, na obra, revelando o jogo discursivo empreendido pelo autor. Além disso, os capítulos escritos por Alex, algumas vezes, trazem comentários deste entre parênteses, ou seja, comentários direcionados a Jonathan, não ao leitor, pois o romance lido pelo leitor é construído como um romance que ainda está sendo produzido e editado.

Além disso, os jogos do autor com a realidade dentro da ficção são tão intensos que Alex, como personagem, justifica para o leitor (embora não intencionalmente, visto que o leitor não é o público-alvo de sua carta, mas sim Jonathan) o porquê de seu nome não estar junto com o de Jonathan na capa do livro: *"Also, perhaps I can continue to aid you as you write more. But not be distressed. I will not require that my name is on the cover. You may pretend that it is only yours"*.⁸ (FOER, 2003, p. 104).

Além disso, como será explorado na próxima seção, o romance, que inicialmente é bem-humorado, começa, ao poucos, a tomar um ar mais sério e dramático, algo que ocorre na medida em que Alex deixa cair suas máscaras sociais, que também são uma construção identitária, e passa a revelar seus problemas familiares. No começo da obra, tem-se uma noção de quem é Alex e seu avô. Essa noção se altera após o encontro deles com Lista e Jonathan, assim como Jonathan se modifica a partir do



relato de Lista e da relação construída com seu guia e o seu tradutor. Essas alterações revelam o caráter mutável da identidade e a importância do nomadismo para que essas mudanças ocorram, pois a experiência melancólica vivenciada por Alex e Jonathan não apenas ilumina suas vidas, mas faz com que ambos amadureçam e tornem-se pessoas íntimas.

1.2.2 Trachimbrod, a Terra Prometida

Mail Freitas aponta para Trachimbrod como uma espécie de metáfora da Terra Prometida, onde os judeus viviam de maneira pacífica e podiam desfrutar de suas tradições sem interferências. Trachimbrod, entretanto, é praticamente erradicada do mapa após a perseguição nazista, sendo que Jonathan a conhece apenas a partir de Lista, última sobrevivente daquele *shtetl*.

A partir do momento em que Jonathan conhece a história do avô na época do nazismo e descobre os horrores narrados por Lista acerca da invasão de Trachimbrod, isso lhe permite um contato diferente com a sua religião e a sua família, pois apresenta algo real sobre o Holocausto. É a partir dessas descobertas que sua identidade sofre um novo deslocamento, pois o relato de Lista lhe permite conhecer melhor a si mesmo, à sua família e à sua religião. Como já mencionado, é a partir dessa tensão entre o permanecer e o nomadismo, da incompletude permanente, que o indivíduo pode superar, negar e transgredir seus limites, construindo assim sua identidade (MAFFESOLI, 2001).

Entretanto, é válido ressaltar que a viagem empreitada pelo trio tem forte influência sobre a construção identitária não apenas de Jonathan, mas também de Alex e seu avô. A construção da amizade, as trocas e as descobertas proporcionam aos três uma iluminação e, no caso do avô de Alex, o único que presenciou a guerra, traz à tona suas memórias e experiências na época do nazismo, pois é

a memória de um ente querido, a recordação de uma situação intensa, ou, simplesmente, uma pulsão inconsciente que nos atrai para onde não queríamos ir. Mas, por sedimentações sucessivas, todas essas pequenas errâncias espaciais não deixam de criar uma aura global [...] e lembram aos sedentaristas a força irreprimível da caminhada. (MAFFESOLI, 2001, p. 91).

É justamente por buscar a memória de seu avô que Jonathan permite que Alexander viva uma situação intensa, a qual desperta suas memórias e derruba a máscara que ocultou seu passado e criou uma falsa identidade. Sendo assim, Jonathan assume a figura do judeu construída pela psicanálise e abordada por Erckmann-Chatrian em seus romances, como menciona Maffesoli (2001), cuja função é colocar aqueles que são estranhos e estrangeiros frente a frente e permitir a transição para outro lugar, ou seja, um protótipo do errante que ao mesmo tempo em que pertence e/ou permanece em um lugar, tende a um não lugar (MAFFESOLI, 2001, p. 87). Sendo assim, o judeu



é o “bode expiatório sobre o qual se derramam as frustrações do mundo, ele é a memória viva de uma nostalgia que não pode ser totalmente sufocada, aquela que faz de todo o mundo um *Homo viator* de aspirações desmesuradas e de desejos sempre satisfeitos.” (MAFFESOLI, 2001, p. 87).

Lista vive em uma casa humilde cheia de caixas e dá a caixa intitulada *EM CASO DE...* a Jonathan, pois a caixa trazia diversas coisas reunidas para o não esquecimento, ou seja, Jonathan se torna responsável por preservar as memórias de Trachimbrod e seus habitantes. O encontro com Lista, entretanto, não apenas ilumina o passado da família de Jonathan e a si mesmo, mas também ilumina a família Perchov, pois faz Alexander Perchov resgatar suas memórias da época em que vivia em Kolki, a vila na qual viveu a avó de Jonathan.⁹ Após o final da guerra, Alexander se muda para Odessa junto à esposa e o bebê, a fim de enterrar o seu passado em Kolki, que vem à tona a partir da conversa que ele tem em particular com Lista e, posteriormente, quando Jonathan abre aquela caixa de Pandora repleta de memórias, na qual se encontra uma foto de Alexander.

Alexander Perchov começa a ficar perturbado quando Lista narra o momento em que um soldado nazista manda os judeus, na invasão à Trachimbrod, cuspir na Torá. O pai de Lista não cospe devido ao valor da Torá para o povo judeu, que carrega não apenas seus preceitos religiosos, mas também sua cultura. A Torá, para o judeu, tem o valor de uma vida humana. Ao cuspir na Torá, como aponta Freitas, ele estaria cuspidando em si mesmo, em sua família e em suas tradições. A dimensão da importância da Torá e da história contada por Lista tem uma força tão grande sobre Jonathan ao ponto de esse e outros fatores trágicos sobre os verdadeiros terrores do Holocausto proporcionarem não apenas a descoberta do passado da família, mas um confronto consigo mesmo. Essa construção se dá porque é a partir desse passado que o avô foge para os Estados Unidos e parte das memórias e identidade da família se constrói.

A história de Trachimbrod é edificada sobre uma série de incertezas, como no caso da incerteza acerca da história de Trachim B (e se esse era realmente o seu nome, se ele realmente morrera ou simulara a própria morte), cujo nome foi dado à cidade a partir da fusão com o nome do rio (Brod), onde este teria morrido. Assim como a história da cidade é incerta, também a história de Brod (a mãe da mãe da mãe da tataravó de Jonathan) o é, ou seja, a família Foer se ergue sobre esse ponto confuso e sua história está diretamente relacionada com o seu local de origem, ou seja, seu território.

O território, entretanto, torna-se confuso a partir do momento em que não é o local de nascimento de Brod, mas seu lugar de criação. Não há como saber quem foi sua família biológica e se ela era judia, e é a partir do desconhecimento desses fatos que Yankel se esforça para criar uma história de vida para Brod, na qual ela é sua filha biológica, cuja mãe morreu no parto. Yankel cria sua história e da imaginária mãe de



Brod, o relacionamento que tiveram, as cartas que trocavam, até que ele próprio passa a acreditar em sua história e se apaixona pela mulher que criou a partir de uma idealização da esposa que o abandonara:

As my great-great-great-great grandmother grew, she remembered, of course, nothing, and was told nothing. Yankel made up a story about her mother's early death – painless, in childbirth [...] It was her mother who gave her those beautiful big ears. It was her mother's sense of humor that all of the boys admired so much in her. He told Brod of vacations he and his wife had taken [...], showed her love letters they had sent each other (writing with his left hand those from Brod's mother), and put her to bed with stories of their romance. [...] It was inevitable: Yankel fell in love with his never-wife. [...] He felt that he had lost her. He had lost her. At night he would reread the letters that she had never written him.¹⁰ (FOER, 2003, p. 48-49)

Essa questão da história como poderia ter sido é algo que percorre toda a obra, inclusive a construção ficcional de Alex e Jonathan. Trachimbrod não é um *shtetl* fictício e realmente existiu antes da Segunda Guerra Mundial. Entretanto, assim como o discurso biográfico não pode ser visto como um espelho da realidade devido à interferência de quem o escreve,¹¹ o discurso histórico também funciona da mesma forma, sendo formado por uma série de discursos reunidos pelo historiador que sofrem a interferência de suas impressões e interpretações. Ao mesmo tempo em que Jonathan tenta remontar a história da família, ele também tenta reconstruir o tempo histórico desde a fundação de Trachimbrod até a Segunda Guerra Mundial, com o detalhe de que além de sua obra ser intencionalmente uma construção ficcional, não se sabe onde o Jonathan personagem termina e o Jonathan romancista começa, pois, como afirma Baudelaire (MAFFESOLI, 2001, p. 90) sobre a construção ficcional voltada para a poesia (mas que também pode se aplicar ao romancista), “o poeta goza desse incomparável privilégio, pode do jeito que quiser ser ele próprio ou outro. Como essas almas errantes que procuram um corpo, ele entra quando quer na personagem de cada um. Para ele, tudo é vago”.

Em outras palavras, é difícil distinguir o autor-empírico do autor-modelo e do narrador, pois todos eles são versões de Jonathan Safran Foer e compõem a estratégia textual e os mecanismos semânticos desse metarromance, pois, como afirma Eco (p. 34) ao analisar um romance de Agatha Christie, “não só é a personagem que fala na primeira pessoa num livro escrito por outrem, mas ainda aparece o homem que escreveu fisicamente aquilo que estamos lendo [...] e, no final, age como autor-modelo de seu próprio diário”.

No que se refere à história da família, embora Trachimbrod não seja o local de origem de Brod, carrega seu nome (no caso, o nome do rio que a nomeou) e absorve o dia em que ela foi encontrada (e em que Trachim B morreu) como uma



comemoração típica do local, o Dia-de-Trachim, no qual ela sempre é a rainha, embora desconheça sua origem. Brod é Trachimbrod, assim como todos os seus descendentes. É nesse ponto que se pode perceber a interferência do Jonathan autor e personagem, pois a partir do evento que dá nome à cidade nasce sua família, ou seja, Trachimbrod está diretamente relacionada à família Foer.

Considerações finais

A partir da análise aqui proposta, pode-se perceber que em *Everything is Illuminated* a busca pela memória da família, empreitada por Jonathan, influencia não apenas sua vida e a construção da sua identidade, mas também influencia a vida de Alex e de Alexander Perchov, pois a fronteira da relação profissional (turista X guia e motorista) é ultrapassada e todos descobrem que as suas memórias se cruzam em determinado ponto, de forma que o passado familiar de Alex e Jonathan estão conectados.

Essa conexão entre as duas famílias, desconhecida antes da busca, também mostra como as divisões territoriais se dissolvem, principalmente ao se analisar o território além do espaço físico, ou seja, a partir da família, sendo essa extremamente importante dentro do judaísmo (MAFFESOLLI, 2001).

Os avós de Jonathan, assim como Alex e Alexander, são ucranianos, mas afastados destes pelo judaísmo. Apesar de o melhor amigo de Alexander, Herschel, ter sido judeu, a crueldade imposta pelo exército nazista a partir da denúncia para preservar a vida da família faz com que ele sacrifique o amigo para salvar a esposa e o filho (e toda a sua geração, assim como Augustine salvou Safran e suas gerações futuras). Assim, o romance também trabalha com vítimas do Holocausto que foram obrigadas a serem algozes, sendo que em um extremo estão os avós de Jonathan, judeus, e no outro Anna e Alexander, avós de Alex, obrigados a denunciar um judeu, amigo deles, para preservar suas vidas.

Nesse ponto, também não é possível visualizar de maneira maniqueísta a bondade e a maldade, como ocorreu com frequência nos filmes sobre o Holocausto, pois como Alex diz em uma de suas cartas, seu avô não é uma má pessoa, apenas foi obrigado pelas circunstâncias a um ato ruim, pelo qual não pode ser condenado.¹² Ainda assim, Alex implora o perdão de Jonathan e acrescenta no final de uma de suas cartas: "I beseech you to forgive us, and to make us better than we are. Make us good".¹³ (FOER, 2003, p. 145).

Sendo assim, a amizade construída entre Alex e Jonathan resulta na parceria realizada para escrever a história não apenas da família Foer, mas também da família Perchov (rompendo novamente a fronteira do território familiar). Ainda assim, além da multiplicidade de discursos e da tendência ao discurso biográfico, as coisas que Alex escreve em suas cartas justificam a tentativa de ambos de, em alguns pontos,



tentarem alterar a suposta realidade, de maneira que o romance funcione da mesma forma que a mente de Brod:

*Which is also a secret, of course, because Brod keeps her own life a secret from herself. Like Yankel, she repeats things until they are true, or until she can't tell whether they are true or not. She has become an expert at confusing what is with what was with what should be with what could be.*¹⁴ (FOER, 2003, p. 87).

Isso também pode ser percebido na negação de Alexander perante a história de Lista, que é a negação de sua própria história, oculta por máscaras que serviram para construir outra realidade para a sua família. Augustine, nesse ponto, torna-se a personificação da esperança de que esse episódio da vida de Alexander possa ser consertado: encontrar Augustine será sua segunda chance de salvar a vida de Herschel e de alterar as memórias da guerra.

Ainda assim, a verdadeira Augustine não é encontrada, fazendo com que o ponto principal da busca de Jonathan (como o avô escapou da Europa) permaneça nebuloso, embora as coisas que descobriu e os laços que foram feitos tenham rendido outros tipos de fruto.

Por fim, pode-se encarar *Everything is Illuminated* (2003) como um romance que vai além do rompimento de fronteiras territoriais e culturais; é um romance que, a partir do resgate da memória familiar, rompe as fronteiras do território familiar e permite a cada um dos personagens uma nova reflexão sobre suas famílias e sobre si mesmos, o que contribui drasticamente na construção de suas identidades, olhando essa construção como algo progressivo que nunca se finda.

* **Isabel Cristina Jasinski** é pós-doutoranda em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina e pela Universidad Nacional Autónoma de México. Doutora em Literatura pela Universidade Federal do Paraná. Mestre e graduada em Letras pela mesma instituição. É Professora Adjunta na Universidade Federal do Paraná.

** **Natasha Suelen Ramos de Saboredo** é mestranda em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná. Graduada em Licenciatura em Letras Português-Inglês pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Notas

¹ Vilarejo, aldeia, pequena cidade, em ídiche.

² Série de bonecas russas em que a maior engloba a menor.

³ Termo criado por Coleridge.

⁴ “Como você mandou que eu fizesse, removi a frase ‘Ele era severamente baixo’, e no lugar inseri: ‘Como eu, ele não era alto’. E depois da frase ‘Percebi que ele ainda



estava saindo de um sonho’, acrescentei, como você ordenou: ‘com Vovó.’” (FOER, 2005, p. 72-73)

⁵ “Fiquei uma pessoa com cócegas ao receber sua carta, e ao saber que você voltou à faculdade para fazer o ano conclusivo” (FOER, 2005, p. 71).

⁶ Cadela-guia do avô de Alex (que acredita ser cego, embora seja o motorista) que os acompanha na viagem.

⁷ “Não amputei Sammy Davis, Junior, Junior da história, embora você houvesse me aconselhado a fazer isso. Você pronunciou que a história ficaria mais ‘refinada’ com a ausência dela, e eu sei que refinado é igual culto, polido e bem-educado, mas informo a você que Sammy Davis, Junior, Junior é uma personagem muito distinta, com variados apetites e objetos de paixão. Vamos observar a evolução dela, e resolver depois.” (FOER, 2005, p. 74).

⁸ “Também, talvez eu possa continuar a ajudar enquanto você escreve mais. Mas não fique perturbado. Eu não exigirei que meu nome esteja na capa. Você pode fingir que o livro é somente seu.” (FOER, 2005, p. 142).

⁹ Doravante, esse será o nome utilizado para o avô de Alex, visto que ele, o filho e o neto têm o mesmo nome.

¹⁰ “A mãe da mãe da mãe da minha tataravó foi crescendo, sem se lembrar de nada, é claro, e nada lhe foi dito. Yankel inventou uma história acerca da morte prematura da mãe dela – indolor, durante o parto [...] Fora a mãe que lhe dera aquelas belas orelhas grandes. Era o senso de humor da mãe que todos os meninos admiravam tanto nela. Yankel falava das férias que ele e a esposa haviam passado [...], mostrava-lhe cartas amorosas que os dois haviam trocado (escrevendo com a mão esquerda as da mãe de Brod) e a punha na cama com histórias do romance deles. [...] Era inevitável: Yankel se apaixonou pela esposa inexistente. [...] Sentia que a perdera. E realmente a perdera. À noite, relia as cartas que ela jamais lhe escrevera.” (FOER, 2005, p. 65-66).

¹¹ Isso faz com que a biografia também seja uma construção ficcional, uma vez que a interferência do autor faz com que esta não seja um espelho da realidade.

¹² Nesse trecho do livro, Alex argumenta que qualquer um seria ruim ao ser exposto à situação a qual o avô dele foi e que todos os seres humanos, mesmo os bons, cometem atos de maldade – inclusive Jonathan e ele.

¹³ “Eu imploro que você nos perdoe, e nos faça melhor do que somos. Faça-nos bons.” (FOER, 2005, p. 196).

¹⁴ “Coisa que também é segredo, é claro, pois a vida de Brod é segredo para ela própria. Tal como Yankel, ela repete as coisas até elas virarem verdade, ou até não saber mais se elas são verdadeiras ou não. Ela se tornou perita em confundir o que é com o que era, com o que deveria ser, e com o que poderia ser.” (FOER, 2005, p. 121).



Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.
- ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- FOER, Jonathan Safran. *Everything is Illuminated*. London: Penguin Books, 2003.
- FOER, Jonathan Safran. *Tudo se ilumina*. Trad. Paulo Reis e Sérgio Moraes Rego. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
- FREITAS, Mail Wanderson de Sousa. Tudo se ilumina à luz do passado: memória cultural judaica na obra de Jonathan Safran Foer. *Arquivo Maaravi: Revista Digital do Núcleo de Estudos Judaicos*. Belo Horizonte, v. 5, n. 8, 2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/1796/pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2015.
- GOMES, Renato Cordeiro. De Italo Calvino a Ricardo Piglia, do centro para a margem: o deslocamento como proposta para a literatura deste milênio. *Alea: Estudos Neolatinos*. Rio de Janeiro, v. 6, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517106X2004000100002>. Acesso em: 15 fev. 2015.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- MAFFESOLI, Michel. *Sobre o nomadismo*. Trad. Marcos de Castro. Rio de Janeiro; São Paulo: Editora Record, 2001.
- PIGLIA, Ricardo. *O laboratório do escritor*. Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo: Editora Iluminuras, 1994.
- PIGLIA, Ricardo. Tres propuestas para el próximo milenio (y cinco dificultades). Transcripción de Cacharro de la charla leída em Casa de las Américas. Ciudad de La Habana, 2000. Disponível em: <<http://jorgealbertoaguilar.blogspot.com.br/2007/02/ricardo-piglia.html>>. Acesso em: 15 jul. 2014.
- SAER, Juan José. O conceito de ficção. Trad. Joca Wolff. *Revista Sopro*, n. 15, ago. 2009.